

Reportagens de guerra

Introdução

MONICA MARTINEZ

Professora
JORLIT
Universidade de Sorocaba
Brasil
monica.martinez@prof.uniso.br

DENIS RUELLAN

Professeur des universités
GRIPIC
Sorbonne Université - Celsa
France
denis.ruellan@sorbonne-universite.fr

LASSANÉ YAMÉOGO

Chargé de recherche
CNRST
Burkina Faso
lassane.yameogo@ulb.be



relato de guerra não nasce com a invenção fundadora do jornalismo informativo, mas com a reportagem, desenvolvida durante a segunda metade do século XIX. As campanhas militares sempre foram acompanhadas por observadores não neutros, responsáveis por cantar a glória dos vencedores. Assim, é função do *Telle du Conquest* (mais conhecido como *Tapisserie de Bayeux*) narrar a vitória de um conquistador do século XI, que encomendou a obra que hoje, estética e historicamente, é considerada um testemunho notável. “Desde que há guerras, há relatos de guerra. A única coisa que a humanidade parece valorizar mais do que tirar a vida é o registro à tinta dessa morte” (Bak, 2016: ix, tradução nossa). E se a guerra é a face do que há de pior no ser humano, também pode produzir histórias da melhor espécie: “(...) a reportagem de guerra continua sendo uma rica herança cultural que toca não apenas culturas individuais ou estados que carregaram as cicatrizes da guerra em seus povos ou paisagens, mas também a memória coletiva do que significa ser humano – ou desumano” (Bak, 2016: ix, tradução nossa).

No entanto, o que mudou no século XIX foi significativo: os observadores, que passamos a chamar de jornalistas e, em seguida, repórteres, foram enviados por jornais que pretendiam cumprir sua missão de forma mais autônoma, mais independente dos beligerantes e dos poderes. Como sempre, a invenção é mul-

**Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :**

Monica Martinez, Denis Ruellan, Lassané Yaméogo,
« Reportagens de guerra », *Sur le journalisme, About
journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online],
Vol 11, n°1 - 2022, 15 juin - june 15 - 15 de junho.
URL : <https://doi.org/110.25200/SLJ.v11.n1.2022.471>

tipolar. A imprensa estadunidense começa a publicar relatos do conflito com o México antes de 1850 ; um jornal francês tem um observador durante a campanha de unificação italiana em 1860 ; os meios de comunicação de ambos os lados do Atlântico publicam os mesmos relatos da guerra de Secessão ; especialistas militares enviam relatórios e análises da campanha da Crimeia que a imprensa publica ; e os proto-correspondentes de guerra acompanham passo a passo a derrota francesa em 1870 (Bolz & Charbonneau; ver nesta edição especial). O gênero eclodiu em vários lugares e aos poucos se estabeleceu. “A imprensa britânica é uma das primeiras a captar o seu interesse, a separá-lo de outras formas de reportagem e a explorá-lo de forma independente” (Juneau, 2011: 19). Seu desenvolvimento na imprensa francesa é tributário de fatores políticos. “Apega-se a uma acomodação tácita com o poder imperial, que tem tudo a ganhar em ver os jornalistas transformarem-se em correspondentes de guerra” (Thérenty, 2007: 293). A reportagem de guerra também nasceu das transformações externas inerentes ao desenvolvimento de meios tecnológicos, em particular «as mudanças na relação com o espaço e a velocidade devido ao desenvolvimento do transporte ferroviário e do telégrafo [que permitem] doravante [ao jornalista viajante] privilegiar a atualidade e a informação» (Thérenty, 2007: 293).

Nesse contexto, a cobertura de conflitos e guerras é de suma importância no campo dos estudos do jornalismo literário e das grandes reportagens. Os dois gêneros se cruzam e às vezes se fundem. Escritores como Ernest Hemingway, Martha Gellhorn, John dos Passos, Antoine de Saint-Exupéry foram correspondentes de guerra em Madrid durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). A presença de Hemingway constrói uma experiência que inspirará uma das maiores obras de ficção do escritor e correspondente de guerra estadunidense, *Por quem os sinos dobram*. No caso específico do Brasil, o jornalismo de guerra evoluiu a partir de reportagens sobre conflitos internos. Pedra fundamental do jornalismo literário de guerra brasileiro, *Os Sertões* (1902) resultou da cobertura da Guerra de Canudos (1896-1897). Escrito por Euclides da Cunha, um engenheiro que reportava o conflito ao jornal *O Estado de S. Paulo*, *Os Sertões* evita as abordagens superficiais e factuais encontradas em outros trabalhos de correspondentes de guerra enviados ao estado da Bahia para cobrir esse evento civil no Brasil.

Anos depois, José Hamilton Ribeiro cobriria a Guerra do Vietnã para a revista *Realidade*, então importante revista de jornalismo literário do Brasil e ainda hoje uma das publicações mais estudadas nesse campo de estudos. Hamilton fez cobertura significativa, antes de pisar em uma mina terrestre e perder parte de sua perna esquerda na véspera de seu retorno ao Brasil. Em recuperação, ele documenta suas expe-

riências na narrativa «Estive na guerra / Eu estive na guerra» (1968), posteriormente publicada nos livros *O Gosto da Guerra* (2005) e *O Repórter do Século* (2006).

A história do jornalismo de guerra brasileiro, literário ou convencional, parece ser um assunto inteiramente masculino, e as pesquisas acadêmicas sobre esse jornalismo apenas confirmam esse fato. No entanto, as mulheres também têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento do jornalismo de guerra (literário ou não), e suas trajetórias são cada vez mais reveladas (Ruellan, 2018). Por exemplo, em seu livro sobre o rádio brasileiro e a Segunda Guerra Mundial, Rose Esquenazi se refere à participação das mulheres na cobertura midiática dessa guerra. Ela destaca que Sylvia de Arruda Botelho Bittencourt, por exemplo, foi a única mulher a integrar o grupo de onze correspondentes brasileiros da Força Expedicionária Brasileira (FEB), e que também trabalhou para a *British Broadcasting Corporation* (BBC) e *United Press International* (UPI). A cobertura da guerra na época, aponta Leonardo Guedes Henn, era feita em grande parte por meio do rádio, principal e mais popular mídia do Brasil na época, e as intervenções de mulheres na mídia audiovisual eram raras e espaçadas (Henn, 2013: 686).

Assim, todas as tentativas de reconstruir a história das jornalistas literárias brasileiras que cobriram e ainda cobrem as guerras acabaram se tornando uma colcha de retalhos devido à imprecisão dos artigos disponíveis sobre o assunto, pois que em sua maioria são repletos de lacunas, de informações conflitantes ou tendenciosas. Nesse contexto, são exemplares a pesquisa sobre correspondentes brasileiras como Dorrit Harazim (Camargo, 2021) e o trabalho de jornalistas brasileiras como Patricia Campos Mello sobre a Síria para o maior jornal nacional, a *Folha de S. Paulo*, e o livro derivado desta cobertura, *Lua de Mel em Kobane* (2017). Destaque-se que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho jornalístico está acontecendo globalmente em um contexto de precarização do trabalho, o que pode ser constatado também no jornalismo literário (Martinez, 2020: 122).

Desde muito cedo, o gênero de reportagem de guerra fascinou, tanto sua prática pelos/as repórteres quanto dos relatos dos confrontos mortais. Ele apresenta um estatuto especial do ponto de vista do jornalismo e do seu estudo. Em termos de representações e dos imaginários, o gênero é maior, ocupando um lugar especial e muito valorizado. Os alunos muitas vezes se referem a ele para justificar seu projeto profissional. As livrarias frequentemente oferecem obras autobiográficas ou antológicas de repórteres. Muitos filmes de ficção têm a correspondência de guerra como tema ou cenário. Finalmente, as violências no exercício da profissão (sequestros, assas-

sinatos, repressão) levam a uma cobertura midiática extraordinária.

Apesar desse poder simbólico, a reportagem de guerra é relativamente pouco coberta pela pesquisa, mesmo que existam obras históricas de importância como a de Knightley (1975, edição ampliada em 2004), um vasto painel da Crimeia ao Iraque ou, mais recentemente, a pesquisa de envergadura de Simard-Houde (2017) sobre repórteres, que abrange correspondência de guerra. Alguns trabalhos também foram publicados sobre as estratégias de comunicação de exércitos e governos. Podemos citar pesquisas bastante recentes sobre as *Propaganda Kompaniens* durante o Terceiro Reich (Férard, 2014; veja o artigo sobre o assunto neste número), o estudo de Hallin sobre a guerra «sem censura» no Vietnã (1989), as publicações de Robinet sobre a gestão de relações exército-mídia franceses durante conflitos na África (2016), análises dos mecanismos de controle dos chamados repórteres ditos infiltrados (*embedding*) nas guerras do Oriente Médio (Bizimana, 2014; Allan e Zelizer, 2004) vigentes desde a Primeira Guerra Mundial (Maurício, 2009). A pesquisa também contemplou grupos políticos engajados na luta armada que formam unidades de agentes de comunicação e utilizam meios jornalísticos e midiáticos. Foi o caso durante a Guerra Civil Espanhola (Marqués Posty, 2008), a Guerra da Independência do Vietnã (Tran, 2019), no México e na Palestina (Ferron, 2012) e, mais recentemente, durante o conflito na Síria (Augé, 2016).

Outras pesquisas analisaram a mediatização de conflitos contemporâneos (Wolton 1991, Boltanski 1993, Beauregard et al. 2002, Charaudeau 2001), o impacto das mensagens divulgadas pelas mídias sobre o público-alvo (Eck 1985, Tchakotine 1992), o papel do rádio no genocídio de Ruanda (Chrétien et al. 1995, Thompson 2006) ou a contribuição da mídia para os processos de paz na África (Baumann et al. 2000; Arrous, 2001; Frère, 2005; 2011). Este genocídio deu origem à reflexão sobre a necessidade de desenvolver uma cultura de paz através dos meios de comunicação. Foi assim que foi criada, sob a liderança de uma ONG (Repórteres sem Fronteiras), a Rádio Agatashya (agosto de 1994 - outubro de 1996), em Bukavu, na fronteira zairense com Ruanda, para ajudar as vítimas do genocídio. Disso emerge, a ideia de um “jornalismo de paz” (Galtung, 1998), apresentado como uma alternativa à mídia de ódio no sentido de que assume a função de “mediador involuntário” (Howard, 2005). Este jornalismo foi introduzido no continente africano, pela primeira vez, na África do Sul no quadro de reflexões sobre o papel dos meios de comunicação na reconstrução de uma sociedade pós-apartheid (Baumann et al. 2000). Ele faz parte de uma abordagem normativa que visa a evidenciar o papel dos meios de comunicação na gestão e transformação de conflitos ou os mecanismos

mediáticos que podem favorecer o recrudescimento ou, ao contrário, o apaziguamento ou resolução de um conflito (Crettenand, 2012: 30). Ao analisar os usos do esquema “guerra étnica” na imprensa escrita em relação a duas crises na África Central (o “genocídio seletivo” dos hutus ocidentalizados no Burundi em 1972 e o genocídio dos tutsis ruandeses em 1994), Sophie Pontzele argumentou que “a necessidade de trabalhar, com urgência, a falta de especialização dos jornalistas atribuídos à cobertura da crise, bem como a primazia dos acontecimentos e o sensacionalismo sobre a análise, combinam-se para favorecer o uso da lógica étnica (Pontzele, 2008: 178).

Ainda existem áreas de reportagens de guerra que são pouco ou nada exploradas pela pesquisa. A dimensão mítica e a incerteza que ela encarna por meio do acesso ao campo, aos atores, às situações e aos arquivos, bem como as estratégias e os métodos de mediação, continuam a ser áreas de investigação de grande relevância. Da mesma forma, sua constituição como gênero jornalístico especializado, suas evoluções de acordo com a dinâmica dos conflitos (guerra, conflitos armados, conflitos ligados ao tráfico e ao submundo, terrorismo, extremismo violento etc.) são objetos de investigação susceptíveis de lançar uma nova luz sobre as interações entre jornalismo e guerra. Em outro registro, parece relevante lançar um olhar analítico sobre a sociologia desse universo socioprofissional, destacando seus atores, seus itinerários, suas trajetórias profissionais, o status e os papéis a que se reivindicam. Estudos têm sido realizados, em particular sobre enviados especiais (Pedelty, 1994), as regras de relacionamento para jornalistas no campo da guerra (Markham, 2013), o lugar das emoções na carreira e na prática dos repórteres (Le Cam e Ruellan, 2017) e nas práticas profissionais de gênero (Elwood-Akers, 1988, Stur, 2011) a partir da experiência no Vietnã. Muito ainda poderia ser feito, principalmente no que diz respeito às regras de cooperação e relacionamento entre os atores da cena informacional.

De fato, os exércitos e os governos como produtores de conteúdo, *press releases*, reportagens completas para a mídia, bem como a colaboração entre jornalistas, os interlocutores dos jornalistas em campo e os militares, as mídias e as Forças Armadas aparecem como objetos de pesquisa que podem revelar tensões, oposições, competições e, talvez, cooperação, permitindo-nos apreender em profundidade as dinâmicas e lógicas de ação das narrativas de guerras. É também sobre estes eixos temáticos que convocam tanto a história quanto a contemporaneidade que o presente número da revista *Sur le journalisme - About journalism - Sobre jornalismo* se interessa.

Tradução: Monica Martinez

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allan, S., & Zelizer, B. (Eds), 2004, *Reporting war: Journalists in war-time*, London: Routledge.
- Arani, M. Y., 2011, "Die Fotografien der Propagandakompagnien der deutschen Wehrmacht als Quellen zu den Ereignissen im besetzten Polen 1939-1945", *Zeitschrift für Ostmitteleuropa-Forschung*, 60(1), pp. 1-49.
- Arrous, M., 2001, *Journalistes en guerre. Médias et Conflits en Afrique*, Paris : Institut Panos Afrique de l'Ouest.
- Bak, J. S., 2016, « General introduction to the ReporAges Series », in A. Griffiths, S. Prieto, & S. Zehle (Eds.), *Literary journalism and World War I Marginal Voices*, Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, pp. ix-xiv.
- Baumann, M., et Siebert, H., 2000, « Les journalistes comme médiateurs », in L. Reyhler et T. Pfafholz (Eds.), *Construire la paix sur le terrain : mode d'emploi*, Bruxelles : Grip-Complexe.
- Beauregard, C. et al., 2002, *Les médias et la guerre : de 1914 au World Trade Center*, Paris : Méridien.
- Bizimana, A.-J., 2014, *Le dispositif embedding Surveillance et intégration des journalistes en Irak*, Québec : Presses de l'université du Québec.
- Boltanski, L., 1993, *La Souffrance à distance. Morale humanitaire, médias et politique*, Paris : Éditions Métailié.
- Camargo, B. E., 2021, *Jornalismo literário e cobertura de guerra : a produção de Dorrit Harazim*, Universidade de Sorocaba.
- Chareau, P. (Eds.), 2001, *La télévision et la guerre. Déformation ou construction de la réalité ?*, Bruxelles : De Boeck Université.
- Chrétien, J. P. et al., (Eds.), 1995, *Rwanda: les médias du génocide*, Paris : Karthala Editions.
- Crettenand, M., 2012, *Le rôle des médias dans la construction de la paix. Le cas du conflit basque*, thèse de doctorat, Université de Genève.
- Eck, H. (Eds.), 1985, *La guerre des ondes. Histoire des radios de langue française pendant la Deuxième Guerre mondiale*, Paris : Armand Colin.
- Elwood-Akers, V., 1988, *Women War Correspondents in the Vietnam War, 1961-1975*, Metuchen, NJ: Scarecrow Press.
- Ferron, B., 2012, *Les répertoires médiatiques des mobilisations altermondialistes (Mexique-Chiapas, Israël/Palestine, 1994-2006) : contribution à une analyse de la société transnationale*, thèse de l'université de Rennes.
- Férard, N., 2014, *PropagandaKompanien. Les reporters de guerre du IIIe Reich*. Paris : Histoire et Collections.
- Frère M-S., (Eds.) 2005, *Afrique Centrale. Médias et conflits : vecteurs de guerre ou acteurs de paix*, Bruxelles : Editions Complexe / GRIP.
- Frère, M. S., 2011, *Elections and the media in post-conflict Africa: Votes and voices for peace?*, Bloomsbury Publishing.
- Galtung, J., 1998, « High Road, Low Road. Charting the course for peace journalism », *Track Two*, vol.7, n°4, pp. 6-10.
- Hallin, D., 1989, *The «Uncensored War». The Media and the Vietnam*. Berkeley: University of California Press.
- Henn, Leonardo Guedes, 2013, « Os Correspondentes de Guerra e a Cobertura Jornalística Na Segunda Guerra Mundial », *Revista Sociais e Humanas* 26, n°3, pp. 670-86.
- Howard, R., 2005, « Journalistes et conflits : débats théoriques et actions concrètes », in M-S Frère (Ed.), *Afrique centrale : Médias et conflits vecteurs de guerres ou acteurs de paix*, Bruxelles : Grip. Édition complexe, pp. 15-48.
- Knightley, P., 2004 [1975], *The First Casualty: The War Correspondent as Hero and Myth-maker from the Crimea To Iraq*, Baltimore : Johns Hopkins University Press.
- Juneau, V., 2011, *Poétique et fictionnalisation du reportage de guerre sous le Second Empire*, mémoire de maîtrise, Université Laval
- Le Cam, F., & Ruellan, D., 2014, *Émotions de journalisme. Sel et sens du métier*, Grenoble : Presses universitaires de Grenoble.
- Marqués, Posty P., 2008, *Espagne 1936. Correspondants de guerre*, Paris : L'Harmattan.
- Maurin, J.-L., 2009, *Combattre et informer L'armée française pendant la première guerre mondiale*, Ploemeur : Editions Codex.
- Markham, A. N., 2013, "Fieldwork in social media: What would Malinowski do?", *Qualitative Communication Research*, 2(4), pp. 434-446.
- Martinez, M., 2020, "Gender, Women, and Literary Journalism Studies : A Brazilian Perspective", *Literary Journalism Studies*, 12(1), pp. 110-132.
- Martinez, M., 2020a, "Women, journalism and war coverage in Brazil: the case of Patrícia Campos Mello (Folha de S.Paulo)", in A. Wiktorowska, M. N. Pérez, & M. Y. Passos (Eds.), *Literary Journalism and Latin American Wars: Revolutions, retributions, resignations*, Nancy: Presses Universitaires de Nancy – Éditions Universitaires de Lorraine, pp. 11-34.
- Pedelty, M., 1994, *War stories: The culture of foreign correspondents*, London: Routledge.
- Robinet, F., 2013, « Journalistes, responsables politiques et militaires français en Afrique : une information en co-production (1994-2008) ? » *Relations internationales*, n°153, pp. 95-106.
- Ruellan, D., 2018, *Reportères de guerre. Goût et coûts*, Paris : Presses des Mines.
- Simard-Houde, M., 2017, « La plume et l'aile. L'épopée aéronautique française, entre presse et édition (1908-1945) », *Mémoires du livre/Studies in Book Culture*, 8(2).
- Stur, Heather M., 2011, *Beyond Combat: Women and Gender in the Vietnam Era*, New York: Cambridge University Press.
- Tchakotine, S., 1992, *Le viol des foules par la propagande politique*, Paris : Gallimard.
- Thérenty, M-E., 2007, *La littérature au quotidien - poétiques journalistiques au XIXe siècle*, Paris, Éditions du Seuil.
- Thompson, A., 2006, *The Media and the Rwanda Genocide*, London: Pluto Press.
- Tran Thi Ngoc, N., 2019, *Les journalistes nord-vietnamiens lors de la guerre du Vietnam. 1955-1975*, thèse de doctorat de l'Université de Rennes 1.
- Wolton, D., 1991, *War Game. L'information et la guerre*, Paris : Flammarion.